

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 041 **20/10/2008** - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (20/10/08)	Recortes
<p>GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca¹ - R\$ 140,00 - 150,00 / sc de 60 kg</p> <p>Milho² - R\$ 19,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja² - R\$ 43,00 / sc de 60 kg</p> <p>HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 5,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 9,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 11,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 12,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 13,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 12,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - R\$ 4,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 10,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 28,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 7,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 16,00 / cx 20 kg</p> <p>FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 30,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 2,70 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ xxxx / cx 20 kg</p> <p>Limão - R\$ 52,00 / cx 20 kg</p> <p>PECUÁRIA</p> <p>Bovino</p> <p>Arroba⁴ - R\$ 85,00 Não Rastreado e R\$ xxx Rastreado</p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelore) ⁵</p> <p>- R\$ 600,00</p> <p>Leite</p> <p>Litro⁶ - Latão: R\$ -- ; Tanque: R\$ 0,60</p> <p>Suíno⁷ - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 3,70</p> <p>Aves⁷ - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,74</p> <p>-- Galinha Caipira⁸</p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00</p> <p>Carneiro⁹</p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80</p> <p>Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,60</p> <p>Avestruz¹¹ - vivo</p> <p>Kg - R\$ 3,00</p>	<p>Câmara de hortaliças anuncia aprovação</p> <p>A aprovação do registro de fungicida para o controle de doenças como <u>requeima</u> e <u>míldio</u>, que comprometem cultivos como tomate, batata e alface, foram anunciados, em Brasília, durante reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Hortaliças. O novo fungicida, com baixo teor de toxicidade, atenderá demandas de controle de pragas para pequenas culturas e tem como ingrediente ativo o mandipropamide. Além disso, é adequado para as culturas de cebola, melão, abóbora, melancia e pepino. De acordo com o coordenador de Agrotóxicos da Secretaria de Defesa Agropecuária, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SDA/Mapa), Luís Rangel, cada vez mais, as indústrias desenvolvem produtos voltados especialmente para esses tipos de cultivos, beneficiando produtores e consumidores. Durante a reunião, também foram definidos os desafios do setor para 2009. "Podemos destacar a criação de grupo temático para a elaboração de banco de dados nacional para estabelecer quanto o setor hortifruti movimenta, a revisão da Instrução Normativa que trata da classificação de produtos como pepino, batata, chuchu, jiló e berinjela e a padronização de embalagens", ressaltou o presidente da Câmara Setorial de Hortaliças, José Robson Coringa Bezerra.</p> <p><i>Fonte: Agronotícias</i></p> <p>Agricultores podem obter renda com reservas legais</p> <p>A fixação de preços mínimos para produtos extrativistas ajudará a reduzir a resistência de setores ligados ao agronegócio contra as reservas legais. "Muitas pessoas reclamam da reserva legal mas estamos demonstrando que ela pode ser utilizada. Não pode ser desmatada", afirma Muriel Saragoussi, diretora de extrativismo da Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente.</p> <p>A legislação estabelece a preservação de 80% em propriedade rural na Amazônia Legal. No bioma do Cerrado nos estados que integram a Amazônia Legal devem ser mantidos 35%. Nas demais regiões a norma é preservar 20% da vegetação da propriedade.</p> <p>De acordo com Muriel, ao ajudar a organizar o mercado e instituir condições para que a conservação possa ser exercida e remunerada o governo "evita os crimes ambientais" que ocorrem quando não são oferecidas soluções de utilização das florestas existentes nas propriedades rurais. À medida que os agricultores passarem a dar uma finalidade econômica para as matas, as restrições às reservas tendem a diminuir.</p> <p><i>Fonte: Gazeta Mercantil</i></p>

Copebrás "infla" plano de expansão, que deve, agora, superar US\$ 1 bi

Segunda maior fabricante de matérias-primas para fertilizantes do país, a Copebrás, controlada pelo grupo sul-africano Anglo American, decidiu ampliar o projeto de expansão de seu complexo localizado em Catalão, em Goiás. Em estudos há pelo menos três anos e inicialmente orçado em US\$ 180 milhões, o plano tornou-se mais ambicioso e agora deverá absorver ao menos US\$ 1 bilhão.

"O objetivo, agora, é mais do que dobrar o tamanho da empresa como um todo", diz Cristiano Melcher, diretor-executivo da Copebrás. A revisão está relacionada à tendência de crescimento da demanda doméstica por adubos e aos elevados preços do insumo nos mercados externo e interno, que podem acelerar o retorno dos investimentos previstos.

Apesar das incertezas derivadas da crise financeira global, Melcher não prevê problemas para levantar recursos para financiar a ampliação, entre outros motivos por ser o Anglo American um grande grupo multinacional de mineração (vendas globais superiores a US\$ 30 bilhões em 2007) acostumado a desenvolver projetos bilionários em diversos países. Com fertilizantes, aliás, só trabalha no Brasil.

Conforme o executivo, o estudo de pré-viabilidade da expansão em Catalão foi concluído, mas outras informações precisam ser levantadas e ainda serão necessários pelo menos mais 12 meses para os planos finalmente saírem do papel. "O projeto tem de ser bem trabalhado e inicialmente foi muito bem recebido pela alta direção do grupo", diz.

A ampliação deverá ser concluída em 2012. Em linhas gerais, a capacidade de produção do complexo mineroquímico goiano deverá passar das atuais 1,3 milhão de toneladas de concentrado de fósforo por ano para cerca de 3 milhões. Com mais matéria-prima, a oferta anual de fertilizantes fosfatados deverá subir de 1 milhão de toneladas para 2,2 milhões. Deverão ser criados mais ou menos 800 empregos diretos e indiretos.

A evolução dos resultados da Copebrás nesses últimos anos de demanda e preços de adubos em alta é o principal argumento em defesa da expansão. Graças à virada do mercado, que em 2005 esteve desaquecido por conta da crise de renda de agricultores sobretudo de Mato Grosso, o faturamento da empresa retomou o ritmo de crescimento e as margens ficaram mais confortáveis.

Em 2006, a Copebrás faturou US\$ 281 milhões, ainda 6% menos que em 2005. No ano passado, contudo, o valor aumentou para US\$ 415 milhões, e para 2008 a previsão é de crescimento de pelo menos 50%, conforme Melcher. Em 2007, a empresa respondeu por 49% do faturamento total do grupo Anglo American no país, fatia que pode até crescer neste ano.

Acostumado a conviver com os boatos de que a Copebrás "está prestes a ser vendida para uma grande multinacional do segmento", que há pelo menos oito anos volta e meia reaparecem aqui e ali, Melcher recorre à expansão de Catalão para reafirmar que a empresa é estratégica para o grupo sul-africano.

A partir da retomada do crescimento da Copebrás, o executivo atualmente sequer descarta a entrada do Anglo American no segmento de fertilizantes também em outros países. A informação pode ser recebida como mais que um simples palpíte.

Após uma recém-encerrada reestruturação administrativa no Brasil, que será comunicada ao mercado nos próximos dias, Melcher passou a acumular também a diretoria comercial, de estratégia e de desenvolvimento de novos negócios do Anglo American no país.

O executivo também diz que a ampliação do projeto da Copebrás em Catalão não é uma resposta à pressão do governo federal sobre as empresas do segmento para que estas acelerem a expansão da produção brasileira para que o país reduza sua dependência de produtos importados, que hoje respondem por 70% da demanda nacional. De acordo com ele, trata-se, sim, de uma resposta ao mercado.

É o mesmo argumento de empresas como Fosfertil (maior fabricante de matérias-primas para adubos do ranking nacional) e as múltiplas Bunge, Mosaic e Yara (que dividem o controle da Fosfertil), entre outras, que nesses últimos meses de pressão de Brasília confirmaram aportes no Brasil que, somados, deverão superar US\$ 4 bilhões nos próximos quatro anos. Além da Vale, que também ratificou que vai tocar um projeto de fosfato no Peru, que também interessa aos agricultores locais.

"A demanda segue firme e as perspectivas para o agronegócio brasileiro, também, sobretudo graças ao aumento do consumo de alimentos em países emergentes. Daí os investimentos. Mas concordo que estava mais do que na hora de o governo se inteirar do assunto", afirma Melcher.

Essa "inteiração" veio com a disparada dos preços do insumo, a partir do fim de 2006, e que só agora começa a perder fôlego. As empresas sempre alegaram que o aumento foi mundial e que chegou ao Brasil em razão da dependência do país de produtos importados, mas o fato é que o encarecimento tornou-se, pela segunda safra seguida, talvez a principal preocupação dos produtores brasileiros.

Nesse cenário, produtores e cooperativas tentam unir forças e ganhar escala, seja para comprar melhor no mercado doméstico, seja para importar a custos mais vantajosos. Em Mato Grosso, que tem solos pobres e a produtividade dos grãos em 2008/09 está ameaçada, já há diversas iniciativas nesse sentido. Nesta sexta, no Paraná, 21 cooperativas confirmam a criação de um consórcio com o mesmo fim.

Fonte: Valor Econômico